

A construção de identidades regionais na Copa Libertadores

Diogo Corrêa Meyer¹

1. Introdução²

Quando nos referimos ao futebol, a rivalidade entre Brasil e Argentina é uma das mais intensas e mais lembradas de todas neste esporte. Pelo menos alguma vez na vida nós, brasileiros, já ouvimos piadas ou comentários (muitas vezes preconceituosos) contra os famigerados “hermanos” em propagandas, em programas televisivos, entre outros meios de comunicação³. E nesta relação de alteridade criam-se imagens e padrões de comportamento que estarão associados ao país vizinho no imaginário dos brasileiros. Mas, ao identificarmos este estrangeiro, encontramos ao mesmo tempo diferentes formas de caracterizações, que ora o qualificam positivamente, ora negativamente. E tal apresentação “ambígua” pode ser notada nos diferentes discursos apresentados pelos meios de comunicação impressos dos estados do Rio Grande do Sul (um estado fronteiro, com larga influência cultural, e futebolística, oriunda deste intercâmbio com os países vizinhos, dentre eles a Argentina) e de São Paulo (o “centro” econômico e o estado mais rico do país, além de ser a região com o maior número de clubes de futebol bem sucedidos do Brasil no quesito títulos). Outro ponto relacionado ao esporte na escolha destas duas regiões do país – vale recordar que estes dois estados são os que possuem as equipes que mais vezes participaram da Copa Libertadores da América, que mais títulos conquistaram e que mais vezes enfrentaram clubes argentinos em decisões deste torneio – originou-se do interesse em confrontar a figura de como o futebol é interpretado em

¹ Diogo Corrêa Meyer é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail de contato: diogo.correa92@yahoo.com.br

² Em alguns casos não foi possível identificar o número da página dos trechos dos jornais selecionados para este artigo devido à má conservação de alguns exemplares. Nestes casos, escolhemos por citar, além do nome do periódico e da data, o título da reportagem.

³ Um exemplo recente são as piadas referentes ao novo Papa Francisco I, que é argentino. Do lado brasileiro, podemos destacar a repercussão da fala da presidenta Dilma Rousseff sobre tal escolha: “o papa é argentino, mas Deus é brasileiro.”. Os argentinos responderam com um grupo de comediantes fazendo uma música debochando dos brasileiros, que num trecho da “Cumbia papal” (nome da música) diz: “Brasileiro, brasileiro, que amargado se te ve, Messi, Maradona y Pancho, son más grandes que Pele (...) la misa no es con caipirinha, comulgamos con fernet.”. Os sites com tais notícias estão disponíveis em, respectivamente: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/03/130320_dilmapapa_deusbrasileiro_mm_dt.shtml e <http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/tecnologia/2013/03/20/noticiastecnologia,3025714/afp-parodia-argentina-sobre-o-papa-debocha-dos-brasileiros.shtml> Consultados em: 05/04/2014.

diferentes locais do Brasil, contrariando a ideia de que, por exemplo, o *jogo bonito*⁴ é um produto nacional que abrange todo o território de norte a sul.

Além da questão futebolística apresentada anteriormente, há também o discurso de distinção promovido por estes estados. Enquanto São Paulo constrói a imagem de estado mais rico e mais importante do país, o Rio Grande do Sul procura valorizar algumas características históricas desta região fronteira para construir sua imagem, inclusive futebolística; dentre elas, a aproximação cultural com os países vizinhos Argentina e Uruguai.

Nossa proposta a ser apresentada neste artigo propõe uma abordagem em uma perspectiva “paulista” sobre o problema da formação das caracterizações destes diferentes Outros. Isto é, visamos analisar como a relação entre brasileiros e argentinos e, num sentido mais regional, entre paulistas e rio-grandenses, se deu através dos discursos produzidos pelos meios de comunicação impressos brasileiros referentes aos jogos entre equipes destes países na Copa Libertadores da América. Procuramos encontrar a partir dos termos enunciados em jornais paulistas e rio-grandenses a construção de tradições imaginadas que recebem um grande respaldo “científico” de jornalistas, colunistas e comentaristas (muitas vezes ex-jogadores) especializados que asseguram, na maioria das vezes, uma diferenciação entre o estilo de jogo brasileiro (mais ofensivo, criativo, abusado, ousado) e o argentino (mais defensivo, pragmático, disciplinado, cadenciado), e até mesmo na forma de torcer dos fãs. Em poucas palavras, buscamos explicitar como os brasileiros identificam os argentinos (e, num panorama regional, como os paulistas identificam os gaúchos, e vice-versa) a partir destes “tipos ideais” característicos do futebol.

Para chegarmos a tais observações, selecionamos alguns encontros específicos entre clubes argentinos e brasileiros e, num âmbito nacional, entre equipes paulistas e rio-grandenses. Analisamos os arquivos de quatro meios de comunicação impressos brasileiros (dois paulistas – Folha de São Paulo e Estado de São Paulo – e dois gaúchos – Correio do Povo e Zero Hora⁵) a fim de observar como estes fomentam a estereotipação do comportamento deste Outro – seja na figura do argentino, seja em representações regionais,

⁴ Estilo de jogo caracterizado especialmente pela ousadia, improvisos, com ênfase na tecnicidade e no ataque.

⁵ A escolha de tais periódicos deu-se a partir da análise dos rankings de maiores jornais de circulação paga do Brasil nos dois estados escolhidos na pesquisa (Rio Grande do Sul e São Paulo). As tabelas estão disponíveis no link: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil> Consultado em: 05/04/2014.

como o gaúcho – que será constantemente produzido e reproduzido pelos periódicos através das narrativas e interpretações referentes aos duelos entre tais equipes na Copa Libertadores.

Veremos como tais colocações dos jornais brasileiros acabam constituindo versões ambíguas e flexíveis sobre o argentino, ou seja, a imagem do Outro é passível de múltiplas interpretações conforme o período e o local estabelecido. E com esta constante classificação e reclassificação do Outro, nós (brasileiros) acabamos por constituir uma série de imagens que seriam tipicamente nacionais, como o “futebol-arte” (ofensivo, criativo e improvisado) e o seu antagonista, o “futebol-força” (defensivo, pragmático e disciplinado). Entrementes, conforme veremos no decorrer do texto, tal característica que aparenta ser “tipicamente” brasileira não satisfaz determinadas regiões do país, como o Rio Grande do Sul, o que aponta para uma miríade de construções de identidade regionais, que recebem um grande destaque nas narrativas jornalísticas referentes aos confrontos entre equipes de futebol em um torneio que estas três regiões (Argentina, Rio Grande do Sul e São Paulo) encontram-se frequentemente.

2. “Nós e Eles” – Algumas Impressões dos Jornais Brasileiros sobre os Argentinos

O encontro de brasileiros e argentinos é sempre um momento especial no futebol mundial. A rivalidade é muito grande e qualquer vantagem de um sobre o outro é motivo de grande comemoração. É o que acontece na Taça Libertadores da América. (ESTADO DE SÃO PAULO, 22/08/1994, p. E3)

A relação entre argentinos e brasileiros no futebol tomou proporções para além do campo de jogo durante os anos. Nós, brasileiros, já ouvimos ou lemos algum dia que as equipes argentinas são “catimbeiras”⁶ e seus torcedores são “violentos”, ao mesmo tempo em que também possuem jogadores “talentosos” e fãs “apaixonados”. Estes e outros termos estão associados a um universo muito peculiar proporcionado pelas narrativas esportivas presentes nos jornais impressos brasileiros quando se refere ao país vizinho. Em poucas palavras, “os brasileiros amam odiar os argentinos.” (HELAL, LOVISOLO, 2007, p. 14).

Ambos os países são conhecidos pelas grandes conquistas neste esporte, seja em torneios de clubes, seja em competições de seleções nacionais. Esta alteridade inventada pelos comunicadores sociais e representantes do jornalismo esportivo brasileiro é intensificada com os encontros constantes de equipes destes dois países em torneios interclubes de futebol,

⁶ Gíria brasileira para o antijogo praticado por adversários, visando o retardamento da partida, com práticas como a simulação de lesões.

como a mais antiga competição deste tipo na América Latina ainda existente: a Copa Libertadores da América. Os meios de comunicação impressos insistem exaustivamente em recordar uma “tradição” existente nesta competição, utilizando termos belicosos para classificar seus adversários argentinos. Com efeito, são comuns referências como um estádio argentino (nesse caso específico, a “Bombonera”, estádio de Boca Juniors) “que fere os ouvidos e a ‘alma’ dos adversários.” (ESTADO DE SÃO PAULO, 25/06/2003, p. E1); ou então quando nos referimos à própria competição, que segundo o jornalista Rodrigo Bueno, “que tradicionalmente exige experiência e malícia” (FOLHA DE SÃO PAULO, 03/07/2003, p. D1). Ainda encontramos termos como “alçapão”, “caldeirão”, “inferno”, “palco de guerra”, na maioria das vezes referindo-se aos estádios argentinos, sempre cheios com torcedores “fanáticos” e que auxiliam na criação de uma estrutura mística ao redor dos confrontos entre brasileiros e argentinos. Estes, por sua vez, são apontados na maioria das disputas como “catimbeiros” mesmo antes dos jogos terem sido realizados.

Um exemplo destas caracterizações e de seu enraizamento no interior do futebol nacional pode ser visto no depoimento do técnico do Palmeiras em 2000, Luiz Felipe Scolari, sobre a final contra o Boca Juniors, em que o jornal atenta (antes mesmo do jogo ter acontecido) para a “tradicional catimba dos argentinos”:

A maior preocupação do treinador palmeirense, porém, não é com o ataque do Boca Juniors, mas sim com a tradicional “catimba” dos argentinos. Ele vai pedir a seus jogadores que sejam inteligentes e não entrem no jogo do adversário. “Eles são experientes, catimbeiros e têm um grande espírito de luta; nossos jogadores precisarão usar a inteligência para que não sejam prejudicados”, afirmou. (ESTADO DE SÃO PAULO, 13/06/2000, p. E1).

Entretanto, não só de características negativas o argentino é descrito pelos meios de comunicação. Nesta mesma edição da Copa, o técnico Felipão pede aos torcedores que exerçam “no Estádio do Morumbi, uma pressão semelhante à dos argentinos no La Bombonera.” (IDEM, 16/06/2000, p. E3). O treinador gaúcho ⁷ insiste também para que o Palmeiras faça um jogo com “características da Libertadores”, ou seja, um estilo de jogo que

⁷ Esta referência ao “gaúcho” não foi uma menção vazia de significados. Como trataremos mais adiante, o fato deste treinador ter iniciado sua carreira profissional (como jogador e técnico) no Rio Grande do Sul indica que ele tenha uma valorização da “escola gaúcha” de futebol, que é tratada como uma antítese do *jogo bonito* “tipicamente” brasileiro. Temos como exemplo este trecho retirado da *Folha de São Paulo*, no qual é revelada a influência argentina e uruguaia no “futebol brasileiro” graças ao treinador do Palmeiras, Luiz Felipe Scolari: “Segundo os argentinos, Scolari conseguiu com que o Palmeiras tivesse a garra argentina e uruguaia, que falta no futebol brasileiro (...). Esse seria o principal motivo para o Palmeiras ser respeitado. (FOLHA DE SÃO PAULO, 14/06/2000, p. D3).

aproxima-se muito mais do “futebol-força” do que do “futebol-arte” ou *jogo bonito* (ou, como Felipão dirá, “sem firulas”):

Jogar com o espírito e a garra do futebol argentino (...). “Na hora da partida, eles devem apresentar a tradição do futebol argentino que todo mundo conhece”, prevê Scolari. “Se tivermos a mesma força, aliada à nossa técnica, teremos chances de conquistar o título.” (...). Scolari quer também o Palmeiras com um futebol sem “firulas”. (ESTADO DE SÃO PAULO, 17/06/2000, p. E2).

Em suma, Luiz Felipe Scolari reproduz dois pontos que serão exaltados pelos meios de comunicação brasileiros: a) o fanatismo dos torcedores argentinos que é visto como um grande diferencial e importante intimidador dos adversários; e b) o “espírito” e a “garra” do futebol argentino, características essas que são exaltadas pelos jornais como a grande qualidade “deles” nas muitas vezes em que as equipes brasileiras saem derrotadas do certame.

Outro exemplo ocorreu em 1974, quando o São Paulo alcançava sua primeira final deste torneio, enquanto o Independiente estava em busca de seu quinto título e estava pela terceira vez consecutiva representando a Argentina num campeonato internacional. A tensão política presente na Argentina fez com que o Independiente recebesse proporções nacionais, mesmo que os argentinos estivessem ocupados, *a priori*, com a situação político-econômica do país:

[Na Argentina] O jogo não atrai atenções. Os espaços dos jornais, bem como as conversas nas ruas, giram em torno da crise social e dos problemas políticos. Mas se pode perceber a tentativa de fazer do jogo um assunto nacional, transformando o Independiente em representante não apenas do futebol, mas de todo um povo e atuais problemas argentinos. Os slogans políticos, repetidos nos comércios, das rádios e espalhados em milhares de cartazes pelas ruas, falam de união e são prontamente ligados ao Independiente. (FOLHA DE SÃO PAULO, 15/10/1974, p. 34).

Os jornais brasileiros dedicaram uma cobertura maior ao plantel brasileiro, referindo-se aos argentinos na maior parte das vezes como possíveis provocadores de situações violentas. Um exemplo disso são os discursos agressivos entre o treinador do São Paulo, José Poy, e os jogadores do Independiente. Os periódicos fizeram questão de cobrir estes confrontos verbais, adicionando nas narrativas termos bélicos, como “palco de guerra”, “alçapão”, “violência”, estes sempre relacionados com a equipe argentina. Zé Carlos, atacante do São Paulo, no dia do jogo no Morumbi, disparou: “Já sabemos que em Buenos Aires irão nos receber com violência.” (IDEM, 12/10/1974, p. 26). A resposta dos jogadores do Independiente vieram após a derrota em São Paulo, num jogo marcado por jogadas desleais e pela vitória da equipe brasileira:

Uma monstruosidade que nada tem a ver com o futebol (Galvan, jogador). Um ato de selvageria. Não tem explicação (Raimondo, jogador). Eu acreditava que gestos assim haviam desaparecido dos eventos esportivos. Agora sei que estava enganado (Ferreiro, treinador). Quarta-feira daremos ao São Paulo uma lição de civilidade e bons costumes (Saggirato, jogador). (IDEM, 15/10/1974, p. 34).

Dessa forma, podemos nos apoiar neste olhar sobre o argentino como uma tradição inventada, consolidada por termos presentes nos jornais brasileiros. Ademais, neste contexto, os argentinos também podem ser vistos como “estrangeiros”, segundo critério do sociólogo alemão Georg Simmel. Com efeito, eles são “estrangeiros” uma vez que não possui vínculos sociais propriamente com os brasileiros, mantendo-se numa relação constante de proximidade e distância; logo, o argentino não possui um “solo”, uma classificação fixa (tomando como ponto de partida o território brasileiro), mas sempre características flexíveis que, dependendo do momento, o aproximam ou o distanciam do brasileiro. Segundo Simmel:

O estrangeiro é visto e sentido (...) de um lado, como alguém absolutamente móvel. Como um sujeito que surge de vez em quando através de cada contato específico e, entretanto (...) não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais. (SIMMEL, 2005, p. 267).

3. “Nós e... Nós?”: Perspectivas Regionais em um Torneio Internacional

Time macho esse. Macho à gaúcha. Macho de fazer argentino morrer de inveja. Macho como honra a tradição do Rio Grande. Macho! (CORREIO DO POVO, 17/08/2006, p. 26)

Gaúcho já tem aquele afama de gostar de troca-troca. Não é macho. Eles têm que ficar mostrando que são machos batendo nos outros (...). Eles que se separem do Brasil. Vão virar Argentina, virar o que quiserem. Eles dizem que o Sul é o meu país. Pois vão ser outro país. Vão virar o país das bichonas. Não servem para ser brasileiros, são bandidos, não são gente. (ZERO HORA, 07/06/2007, p. 46)

São Paulo e Rio Grande do Sul são dois Estados com grande importância histórica no país. Sempre nos lembramos destes em questões políticas, econômicas, sociais e culturais. De um lado, um consagrado centro comercial e político de grande importância no cenário nacional. Por outro lado, uma região fronteiriça, periférica, orgulhosa por sempre ter escolhido defender as áreas brasileiras das ameaças platinas (LUVIZOTTO, 2009, p. 15). E no futebol não dava para ser diferente: estes são os dois Estados brasileiros que mais vezes enviaram representantes para disputar as finais da Taça Libertadores da América e os mais vitoriosos (São Paulo possui oito títulos, enquanto o Rio Grande do Sul detém quatro conquistas). Estas foram algumas das principais características que nos levaram a refletir sobre a relação entre estas duas regiões, tão distintas culturalmente, e promover uma reflexão

a partir da análise comparativa das narrativas jornalísticas a fim de encontrar traços que indiquem a tipificação de paulistas e gaúchos a partir do enfrentamento direto entre equipes destes dois estados em fases decisivas da Copa Libertadores, mais precisamente os jogos da final de 2006 entre Internacional e São Paulo; e o jogo de volta da semifinal entre Grêmio e Santos de 2007, em Santos. Ambas as partidas terminaram com equipes gaúchas sobrepondo-se às paulistas; acontecimentos esses que incitaram os meios de comunicação impressos a justificar as vitórias rio-grandenses.

Os meios de comunicação paulistas referem-se ao jogo de 2006 apontando um favoritismo ligeiro ao São Paulo durante toda a cobertura. Notamos também a ausência de manchetes intituladas com termos como “catimba”, “violência”, “guerra”, “alçapão”, “torcida participativa” como forma de identificar a equipe rio-grandense. Além disso, não há rivalidade entre tais regiões, como podemos ver neste trecho da coluna escrita pelo ex-jogador Tostão:

Como existe muita afinidade e cumplicidade entre jogadores, técnicos e torcidas, São Paulo e Inter têm mais chances de vencerem em seus estádios, o que levaria a decisão para o saldo de gols ou para os pênaltis. (FOLHA DE SÃO PAULO, 09/08/2006, p. D3).

Entretanto, esta rivalidade que, *a priori*, parecera sadia logo foi desmentida por uma notícia muito veiculada na imprensa gaúcha e que pouco fora discutida entre os paulistas⁸. Como podemos ver neste excerto, a torcida do Internacional fora extremamente mal recepcionada:

Foram guerreiros os 3,7 mil colorados que enfrentaram os 73 mil são-paulinos no Morumbi. Suportaram até pedradas. A direção do São Paulo destinou aos visitantes o espaço atrás de uma das goleiras, o de pior visibilidade no estádio. Mas não foi só. O problema é que acima deles, em vez de colorados, na arquibancada, ficaram tricolores. O presidente Fernando Carvalho, porém, pediu calma e respeito aos são-paulinos na próxima quarta-feira. Deseja recepção “gaúcha”, com hospitalidade. (Zero Hora, 10/08/2006, p. 56).

A omissão da maior parte da imprensa paulista sobre tal acontecimento pode indicar que os clubes deste Estado possuem torcedores violentos, além de uma diretoria indiferente à recepção dos visitantes. Comportamentos que, segundo esta mesma imprensa paulista, são

⁸ Para não utilizarmos o termo “omissão”, lembramos que somente o colunista do jornal *Folha de São Paulo*, Juca Kfoury, recordou-se deste episódio: “A pedrada no ônibus colorado é dessas coisas insuportáveis, e a acomodação da torcida gaúcha embaixo da paulista revelou uma falta de atenção (ou terá sido proposital?) dos anfitriões não menos revoltante, alvo que os visitantes foram de toda sorte de detritos.” (Folha de São Paulo, 13/08/2006, p. D5).

típicos de clubes argentinos e seus torcedores, como observamos anteriormente. Em contrapartida, notamos também a diferença no discurso do jornal gaúcho: a menção aos torcedores do Inter como “guerreiros” os colocam no mesmo nível de importância dos jogadores que venceram o primeiro jogo no Morumbi. Além disso, o estilo de recepção “gaúcha” demonstra uma espécie de cordialidade com o visitante, um comportamento que indica ser diferente do “paulista”. Por fim, a menção às características previamente “argentinas” de estilo de jogo e de comportamento também são trazidas à tona em depoimentos de jornalistas e jogadores, conforme é possível notar, por exemplo, no depoimento do atacante e capitão daquela equipe, Fernandão, que dará características do estilo de jogo do Internacional que se aproximam muito mais do “futebol-força” do que do “futebol-arte”:

O diferencial vai ser a pegada, a alma. Este tem sido o craque do nosso time. E o que significa pegada? Não é dar porrada. É concentração máxima em cada segundo. Tem que ter pegada na hora de encurtar o espaço e na hora de dar balão (ZERO HORA, 09/08/2006, p. 45).

E para reforçar a fala de Fernandão, vale destacar a frase do jornalista Hiltor Molbach um dia após a conquista do Internacional, com clara referência ao Outro argentino e ao tradicionalismo gaúcho, que abre este capítulo: “Time macho esse. Macho à gaúcha. Macho de fazer argentino morrer de inveja. Macho como honra a tradição do Rio Grande. Macho!” (CORREIO DO POVO, 17/08/2006, p. 26).

Tais características ilustradas pelos periódicos rio-grandenses são mantidas no ano seguinte, durante a cobertura do confronto entre Grêmio e Santos. Após conquistar a passagem de maneira dramática à final da Copa Libertadores⁹, os meios de comunicação gaúchos ressaltaram o bom momento do futebol da região no país¹⁰. Em uma edição especial dedicada às glórias adquiridas pela dupla porto-alegrense, encontramos o depoimento do jornalista Carlos André Moreira, no texto “Futebol é coisa nossa”:

O futebol é um dos aspectos pelos quais os gaúchos manifestam uma certa rabugice em se assumir brasileiros (...) o gaúcho faz questão de marcar diferença entre ele e os demais reforçando a ideia do “jeito gaúcho” de jogar. A saber: força, marcação, chutão pra frente se necessário e vitória pragmática nem que seja por meio a zero –

⁹ O jogo de ida em Porto Alegre terminou em 2 a 0 para a equipe mandante. O jogo de volta, na Vila Belmiro, o Santos ganhou por 3 a 1, porém foi eliminado pela regra do gol marcado fora pelo visitante, critério de desempate que definiu o Grêmio como finalista daquela edição.

¹⁰ Além do Grêmio, o Internacional também disputava um torneio internacional: a Recopa Sul-Americana contra o Pachuca, do México (clubes que conquistou a Copa Sul-Americana em 2006).

uma certa identidade que o gaúcho vai buscar nos seus vizinhos argentinos. (ZERO HORA, 10/06/2007, p.4).

O gaúcho, portanto, faz questão de mostrar seu “distanciamento periférico” com o restante do país, ou pelo menos dos “centros” (como o eixo Rio – São Paulo), e não esconde isso em suas formações culturais e até mesmo ludopédicas. Ademais, segundo o antropólogo Arlei Damo, “o estilo do futebol gaúcho”:

resulta da apropriação, por parte dos futebolistas — sejam eles torcedores, dirigentes, jogadores ou cronistas esportivos —, de um discurso preestabelecido de culto às tradições. Tais discursos, que colocam o Rio Grande do Sul numa posição diferenciada em relação às demais unidades federativas e, até mesmo, em contraposição ao Brasil, resgatam certos aspectos constitutivos da identidade social dos rio-grandenses do sul, “esquecendo-se” de outros tantos a partir dos quais a suposta disjunção desapareceria. Nesse rol de desencaixe são evocadas, com maior frequência, a posição geográfica, a partir da qual se estabeleceriam intercâmbios múltiplos com os países do Prata (portanto, diferentemente da população dos demais estados brasileiros, os gaúchos teriam forte influência hispânica); a tradição política de enfrentamento em relação ao poder central; a presença maciça dos imigrantes europeus e, como corolário, as noções de “civilidade” e “progresso” (que contrastam com o estereótipo rude e antiquado do gaúcho); a convivência permanente com os levantes armados; e, finalmente, a própria “essência” do gaúcho, tida como libertina e altiva, tal qual a dos remotos tropeiros forjados na lida com o gado xucro. De todos esses e outros tantos traços formadores da identidade gaúcha, são justamente os dois últimos os mais frequentemente evocados. (DAMO, 2003, p. 14)

Estas características produzidas e reproduzidas pelos meios de comunicação acabam por fomentar no imaginário do brasileiro uma série de símbolos relacionados à identidade do gaúcho. Tal fenômeno pode ser observado durante a semifinal da edição de 2007 entre Grêmio e Santos, em especial dias antes do jogo de volta, quando o então jornalista da Rádio Trianon de Santos, Jonas Greb, teceu um comentário polêmico contra os rio-grandenses em geral. Segundo ele,

Gaúcho já tem aquele afama de gostar de troca-troca. Não é macho. Eles têm que ficar mostrando que são machos batendo nos outros (...). Eles que se separem do Brasil. Vão virar Argentina, virar o que quiserem. Eles dizem que o Sul é o meu país. Pois vão ser outro país. Vão virar o país das bichonas. Não servem para ser brasileiros, são bandidos, não são gente. (ZERO HORA, 07/06/2007, p. 46)

Esta fala causou uma grande repercussão nos periódicos rio-grandenses, que exigiam uma punição severa a este jornalista. Em São Paulo, entretanto, tal acontecimento não foi sequer reportado nos meios de comunicação impressos. Sobre o trecho em si, é possível visualizar a associação feita pelo comentarista paulista entre o Rio Grande do Sul e a Argentina, sendo que a primeira região é fortemente reprimida por sua atitude “periférica” ante os modos comportamentais “brasileiros” incorporados pelo “centro”. Em outras palavras, é como se o Rio Grande do Sul, por ter escolhido a construção de uma identidade típica,

deixasse de pertencer ao território brasileiro e passasse a ser um anexo do país vizinho, não somente pela aproximação geográfica, mas também pelos diversos vínculos culturais que tais regiões compartilham, dentre eles a influência futebolística (MASCARENHAS, 2000).

4. Considerações Finais

A Argentina é o nosso eterno outro (...). Brasil e Argentina encaram um ao outro como quem se mira num desses espelhos deformadores de parque de diversões (...). O “outro” causa admiração e repugnância ao mesmo tempo. Os argentinos escarnecem da nossa bagunça fundamental, da nossa ignorância, da nossa falta de sentido coletivo. É o jeito de disfarçarem a inveja do que há em nós de sensual, espontâneo e livre. Da mesma forma, abominamos a arrogância argentina, seu pretense europeísmo, o formalismo de sua classe média e elite – e escondemos a inveja de sua arraigada cultura (...). Não existe “o” argentino, assim como não existe “o” brasileiro – só em piadas. Mas há traços de temperamento difundidos de cada um dos lados da fronteira. (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/06/2007, p. D7)

Neste texto apresentamos algumas características principais dos olhares sobre o “Outro” dos meios de comunicação brasileiros e a imagem que é construída do “Eu” a partir destas reproduções. Notamos que há diferentes perspectivas de alteridade relacionadas ao argentino a partir da análise dos textos jornalísticos; tipificações que ora o qualificam de maneira positiva, ora de forma negativa, o que dará, por fim, uma criação no imaginário do brasileiro sobre este “estrangeiro” que, vale repetir, encontra-se numa relação flexível de distanciamento e aproximação.

Vale destacar, portanto, a flexibilidade que os termos adquirem quando os meios de comunicação se referem aos argentinos. Uma palavra muito comum na classificação deste “Outro” é a “catimba”, ou seja, a utilização de artifícios desleais para retardar o prosseguimento da partida. No entanto, quando esta atitude – apresentada muitas vezes como sendo “única e exclusiva” dos argentinos – é praticada por brasileiros, ela adquire novos ares, e torna-se uma “inocente” “malandragem”. Tal mudança nos indica também a mutabilidade que os costumes apresentam e, segundo Helal e Lovisolo:

A “catimba” quando feita por brasileiros é narrada no Brasil como “malandragem”, como algo positivo, mas para falar da “catimba” dos argentinos o tom é moralista, como “deslealdade”. (HELAL, LOVISOLO, 2007, p. 10)

Em suma, da mesma forma que os argentinos são “catimbeiros”, “arrogantes”, “violentos” em certa ocasião, em outro período eles podem ser “talentosos”, “determinados” (“raçudos”), e com torcedores (ou *hinchas*) “apaixonados” pelo futebol, às vezes até mais do que nós, brasileiros. E estas especificidades são perceptíveis através dos meios de

comunicação e a cobertura efetuada por estes numa competição internacional da grandeza da Copa Libertadores da América. Ademais, a admiração e o repúdio a estes “estrangeiros” são dados de maneiras diferentes pelos jornais de cada região. De um lado, nos periódicos de São Paulo, os argentinos são caracterizados, na maioria das vezes, com termos negativos e que promovem um distanciamento maior deles. Por outro lado, os tabloides rio-grandenses veem seus vizinhos de fronteira muito mais próximos do que o “centro” do Brasil; logo, os termos que denotam comportamentos “característicos” dos argentinos são carregados de entoações positivas.

Finalmente, o rio-grandense, baseado nos discursos construídos principalmente pelos periódicos gaúchos, encontrará respaldo nos fenômenos culturais (e futebolísticos) dos países fronteiriços (Uruguai e Argentina) para montar uma espécie de indivíduo “híbrido”, ou a figura do brasileiro que a figura do brasileiro que incorpora mais comportamentos que são compartilhados entre os vizinhos platinos do que com o restante do Brasil. E tal produção tem seu efeito justamente no futebol da região, conhecida por revelar técnicos e que admiram a disciplina tática e com mais ênfase no setor defensivo (por exemplo, Luiz Felipe Scolari, Tite e Mano Menezes, técnicos que são – ou foram – renomados por treinarem grandes equipes nacionais – e até mesmo a seleção brasileira). Com efeito, essa predominância do “futebol-força” em determinada região do país (como foi revelado nas narrativas presentes nos meios de comunicação impressos no decorrer do artigo) nos demonstra que o “futebol-arte”, intrinsecamente relacionado ao futebol brasileiro, não abarca o imaginário de todo o território nacional, possibilitando diferentes apropriações não somente sobre o estilo de jogo, como também ao modo de se apoiar uma equipe ou como um jogador deve se portar em campo. E tal apropriação também estará sujeita a alterações conforme o tempo e a região.

Bibliografia

DAMO, Arlei Sander. Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. In: Estudos Históricos. Nº23. V.13. Rio de Janeiro: FGV, 1999. pp. 87-118. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2085/1224> Consultado em: 05/04/2014.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar”. In: **Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, do XVI Encontro da Compós, na UTP.** 2007. Disponível em: <http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2011/02/jornalismo-e-futebol.pdf> Consultado em: 05/04/2014.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. In: **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Año 5. Nº26. Buenos Aires: Revista digital “Efdeportes”, 2000. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd26a/platina.htm> Consultado em: 05/04/2014.

SIMMEL, Georg. 2005. “O Estrangeiro”. In: **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**. Vol. 4. Nº12. João Pessoa: UFPB, 2005. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf> Consultado em 05/04/2014.